

AGRONEGÓCIO BRASILEIRO EM DESTAQUE NA ECONOMIA: NEGÓCIOS FLORESTAIS SEGUEM NA MESMA DIREÇÃO

A Análise Conjuntural do Centro de Inteligência em Florestas (CI Florestas) do mês de agosto de 2015, acompanha a evolução dos negócios florestais e observa uma tendência já apontada há alguns meses atrás – os negócios florestais que apresentam condições de focar no mercado externo, exportando seus produtos para países com crescente demanda pelos produtos brasileiros, estão obtendo resultados positivos. A sucessiva valorização do dólar em relação ao Real tem reforçado essa estratégia como opção de contornar a crise interna. Apesar de que no setor florestal há também segmentos com capacidade mais limitada de focar no mercado externo e, portanto, enfrentando maiores dificuldades para superar a crise, de modo geral, os segmentos do setor florestal apresentaram resultados positivos no 1º semestre deste ano, destacando-se junto com outros setores do agronegócio, frente ao cenário de recessão geral da economia interna.

Segmento de Celulose e Papel

O mercado nacional de celulose e papel se mantém aquecido mesmo diante de crise interna brasileira. Mais de R\$50 bilhões devem ser investidos até 2020 na produção de celulose no país, segundo IBÁ, uma vez que o Brasil exporta mais de 90% da produção e há uma previsão de demanda aquecida no mercado mundial.

Como pode ser verificado no Quadro 1, as exportações brasileiras de celulose e papel apresentaram-se crescente nos últimos meses. De modo geral, a crescente demanda de celulose e papel da China, além do câmbio favorável às exportações, tem explicado o crescimento das exportações brasileiras do segmento.

Quadro 1 – Exportações brasileiras de celulose e papel de maio a julho de 2015

Período (Mês)	Celulose (US\$ FOB)	Papel (US\$ FOB)
Maio/15	372.368.445	166.750.828
Jun./15	478.319.462	180.302.659
Jul./15	545.812.420	180.040.206
Taxa de crescimento (% ao mês)	21,3	4,0

Fonte: MDIC (2015), elaborado pelos autores.

Os preços da celulose e do papel, em São Paulo, de junho a agosto de 2015, apresentaram cotação crescente (Quadro 2).

Quadro 2 – Preço da celulose e do papel em São Paulo, de junho a agosto de 2015

Período (Mês)	Preço da celulose (US\$)	Preço do papel <i>offset</i> em bobina (R\$)	Preço do papel <i>cut size</i> (R\$)
Jun./15	785,31	3.407,81	3.438,30
Jul./15	795,92	3.407,81	3.438,30
Ago./15	801,84	3.458,99	3.488,09
Taxa de crescimento (% ao mês)	1,0	0,8	0,7

Fonte: Informativo CEPEA – Setor Florestal (2015), elaborado pelos autores.

Os preços crescentes da celulose devem-se aos baixos estoques. No caso do mercado de papel brasileiro, o aumento nos preços pode ser explicado pelo crescimento da demanda por cadernos nesta época do ano. Além disso, as linhas de produção de papel para imprimir e escrever apresentaram resultados positivos no segundo trimestre deste ano, devido à antecipação do Programa Nacional do Livro Didático.

Sobre o comportamento dos preços da celulose no segundo semestre de 2015, com o aumento da oferta da matéria-prima no cenário internacional, pela entrada de novas plantas em produção, alguns analistas do setor preveem uma situação de excesso de oferta, o que pode forçar uma queda de preços.

Segmento de Madeira Processada

Em julho de 2015, as exportações de madeira e derivados foram de US\$199 milhões, representando um aumento de 1,3% em relação a junho. Já as importações de julho foram de US\$10,8 milhões, representando um aumento de 27,5% em relação

ao mês anterior. Portanto, o saldo na balança comercial manteve-se praticamente constante (observou-se um pequeno aumento de 0,1%) em relação ao mês anterior, alcançando US\$188,1 milhões em julho. No acumulado do ano de 2015, de janeiro a julho, as exportações totalizaram US\$1.377 milhões, apresentando um aumento de 11,3%, quando comparadas às do mesmo período do ano passado, conseguindo sustentar o crescimento em 2015. As importações de janeiro a julho de 2015 totalizaram US\$70,7 milhões e foram 21,7% menores em relação ao mesmo período de 2014. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2015 é de US\$1.306,3 milhões, 13,9% maior que igual período do ano passado (Quadro 3).

Quadro 3 – Balança comercial brasileira para madeira e derivados (capítulo 44) de janeiro a julho de 2014 e 2015, em US\$1.000

Mês	2015			2014			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
Jan.	161.095	11.579	149.516	144.340	12.507	131.833	11,6	-7,4	13,4
Fev.	180.993	9.071	171.922	184.376	13.911	170.464	-1,8	34,8	0,9
Mar.	236.351	9.965	226.385	177.876	11.741	166.135	32,9	-15,1	36,3
Abr.	210.225	10.775	199.450	181.800	12.160	169.639	15,6	-11,4	17,6
Mai	192.923	9.960	182.963	196.582	12.344	184.237	-1,9	-19,3	-0,7
Jun.	196.476	8.513	187.964	165.475	13.083	152.392	18,7	-34,9	23,3
Jul.	198.965	10.858	188.108	187.096	14.532	172.564	6,3	-25,3	9,0
Acumulado	1.377.029	70.721	1.306.308	1.237.545	90.280	1.147.265	11,3	-21,7	13,9
Variação % entre Jul.e Jun.	1,27	27,54	0,08	13,07	11,08	13,24			

Fonte: MDIC (2015), elaborado pelos autores.

A indústria madeireira nacional enviou ao governo americano um pedido para o fim da taxa de 8% sobre o compensado brasileiro que entra nos Estados Unidos. O documento foi entregue pela Abimci (Associação da Indústria de Madeira Processada) ao escritório da representação comercial americana (USTR, na sigla em inglês). A taxa é cobrada desde 2005, pois no ano anterior (2004), o produto brasileiro havia representado mais de 50% das importações de compensados dos Estados Unidos. Por ter ultrapassado a cota permitida, o setor madeireiro foi excluído do SGP (Sistema Geral de Preferências) e passou a ser taxado. "Nos últimos anos, por causa da crise americana no segmento imobiliário, que é um grande comprador de compensado, a

nossa participação no total das compras dos Estados Unidos caiu muito”, diz José Carlos Januário, presidente da Abimci. “Voltamos aos patamares que permitem a revisão desse status [de exclusão do SGP]”, afirma. Em 2014, do total importado de compensados pelos americanos, o Brasil participou com 20,9%. “A cobrança de 8% reduz a nossa competitividade. Ela praticamente se equivale ao custo do frete marítimo do Brasil até os Estados Unidos”, continua Januário (ABIMCI, 2015).

Segundo os últimos dados divulgados pela Abimci, as vendas de compensado de pinus para os Estados Unidos caíram 45% de junho a julho deste ano. Atualmente, esse mercado americano fica com pouco mais de 15% desse produto brasileiro. Até julho, foram enviados para esse destino 121.383 mil m³.

Neste mês de agosto, profissionais da construção civil e do setor florestal estiveram reunidos em Curitiba para participar do 3º Simpósio Madeira & Construção. Em todo o mundo, diversos países já adotaram a madeira como principal matéria prima para a construção civil, justamente por se tratar de um material renovável. Estados Unidos, países da Europa, Chile e o Japão seguem avançando nessa discussão e buscando novas tecnologias. No Brasil, a falta de divulgação quanto aos benefícios do uso da madeira ainda é uma barreira para que o setor possa evoluir. Este evento teve o objetivo de estimular a utilização de fontes renováveis, em especial a madeira tratada de florestas plantadas, na construção civil, apresentando suas vantagens construtivas e os benefícios da sua utilização (Painel florestal, 2015).

Segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros

Neste mês de julho, o segmento dos produtos florestais não madeireiros analisados apresentou aumento nas importações e queda nas exportações. Contudo, no acumulado deste ano, de janeiro a julho, o somatório da comercialização das ceras vegetais, mate, castanha de caju, castanha do brasil, taninos e borracha natural demonstraram resultados mais otimistas.

As exportações, de janeiro a julho de 2015, somaram cerca de US\$225,8 milhões e 56,6 mil toneladas, apresentando acréscimo de 5,2% e 20%, respectivamente, sobre o mesmo período do ano anterior. As ceras vegetais, com participação de 33%, foram as principais responsáveis pelo total desta contribuição. Com queda de 5% no valor exportado sobre igual período de 2014, o mate ocupou a segunda maior posição nesta contribuição (Figura 1).

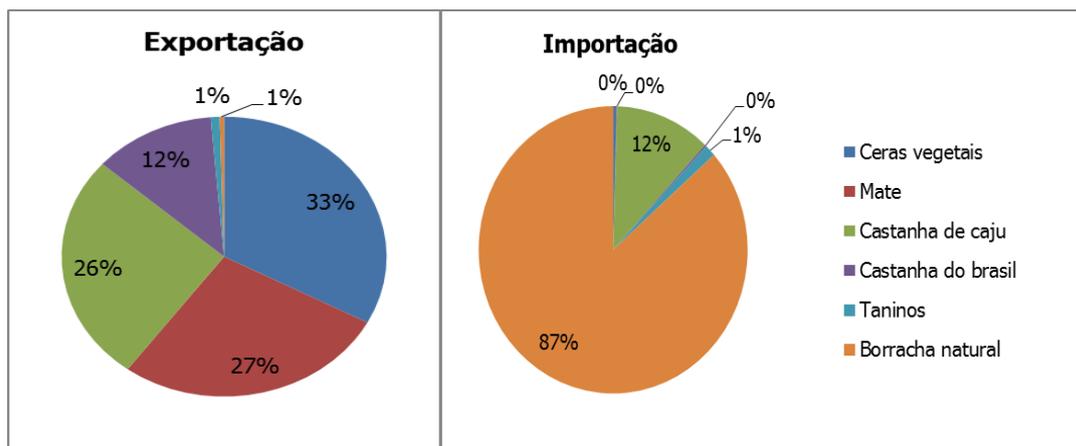


Figura 1 – Participação dos produtos florestais não madeireiros selecionados, no acumulado de janeiro a julho de 2015.

As exportações, em julho de 2015, alcançaram o valor de US\$30,4 milhões e volume de 6,9 mil toneladas, reduzindo 14,1% e 22,3%, respectivamente, quando comparada com junho deste ano. Neste mês, houve perda, em termos de valor exportado, nas ceras vegetais (-26,1%), no mate (-30,5%) e na castanha de caju (-6,5%), em relação ao mês anterior. No entanto, de junho para julho, a borracha natural superou cinco vezes o seu valor exportado, maior valor desde 2014 (Quadro 4).

Apesar da redução da exportação do mate, o preço da arroba de erva mate em folha manteve-se praticamente constante desde março de 2015, ou seja, R\$15,7/arroba. Por sua vez, a erva mate cancheada também apresentou cotação estável desde maio de 2015, com valor de R\$75/arroba (Agrolink, 2015). A comercialização deste produto, por garantir o sustento de mais de 13 mil pequenos produtores distribuídos em 267 municípios, apenas no Rio Grande do Sul, valeu, recentemente (13/08/2015), a criação de uma câmara setorial por parte do Ministério da Agricultura (FAESP, 2015). Assim, espera-se que esta iniciativa promova ainda mais o desenvolvimento dessa cadeia produtiva.

Quadro 4 – Exportações e importações dos PFNM's selecionados, de junho a julho de 2015, em 1.000 US\$ FOB

Produto não madeireiro	Meses	Exportação			Importação		
		2015	2014	Variação 2015-2014	2015	2014	Variação 2015-2014
Ceras vegetais	Jun.	10.194	7.665	33%	39	272	-86%
	Jul.	7.534	6.286	20%	39	18	118%
Mate	Jun.	10.593	8.191	29%	19	182	-89%
	Jul.	7.359	10.780	-32%	0,1	0	-
Castanha de caju	Jun.	9.715	10.044	-3%	2.160	935	131%
	Jul.	9.085	9.064	0%	11.160	4.240	163%
Castanha do Brasil	Jun.	4.459	1.893	136%	0	650	-100%
	Jul.	5.356	1.909	181%	0	252	-100%
Taninos	Jun.	302	237	28%	272	484	-44%
	Jul.	339	518	-35%	484	462	5%
Borracha Natural	Jun.	145	3	4606%	25.098	24.905	1%
	Jul.	727	1	68116%	26.611	27.669	-4%

Fonte: MDIC (2015), elaborado pelos autores.

As importações dos PFNM's somaram US\$204,4 milhões e 136,4 mil toneladas, aproximadamente, no acumulado deste ano, com queda de 4,3% e 33,8%, em termos de valor e quantidade, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2014. Deste valor, 86,5% é decorrente da compra de borracha natural do mercado externo (Figura 1).

No mês de julho, as importações totalizaram US\$38,3 milhões e 27,3 mil toneladas, aproximadamente, aumentando 38,8% e 54,9%, em termos de valor e quantidade, respectivamente, em comparação com junho de 2015. Nesse período, o valor das importações de castanha de caju aumentou 416,6% e o do mate caiu 99,5%, alterando-se consideravelmente. Entretanto, o da borracha apresentou leve aumento (6%) (Quadro 1).

Ferramentas e políticas para incentivar a produção da borracha e da castanha de caju continuam a serem colocadas em prática. Atualmente, os agricultores familiares que acessaram o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) terão descontos no pagamento dos financiamentos dessas culturas, através de bônus, em 10 estados, sendo no Amazonas (25%) e no Acre (20%). Já a castanha de caju tem 19,4% de bônus no Maranhão (MDA, 2015).

Segmento Moveleiro

Os negócios do segmento moveleiro, em agosto de 2015, permaneceram-se estáveis, o que pode ser considerado como um desempenho razoável no atual cenário econômico interno recessivo. A expectativa era do alcance de resultados mais positivos. A forte valorização do dólar nos três últimos meses, barateando os móveis brasileiros no exterior, deveria alavancar um aumento nas exportações do setor. Ao que parece, outros fatores, internos e mesmo externos, têm anulado essa vantagem competitiva eventual do produto nacional.

Internamente, a indústria moveleira continua com quedas sucessivas na produção, em torno de 6,4%, segundo IBGE, comparando junho de 2015 com junho de 2014. Em consequência, o desemprego, neste setor que ocupa grande quantidade de mão de obra, é evidente.

Com relação às transações com o exterior, em julho, as exportações de móveis, acumuladas dos últimos 12 meses (ago.2014 a jul.2015), para o conjunto dos dados analisados nesta pesquisa, somaram US\$449 milhões, aproximadamente. Este valor é apenas 1% maior do que o acumulado dos últimos 12 meses anteriores (ago.2013 a jul.2014), o que, diante da recessão em que se encontra a economia interna, não deixa de ser um resultado relativamente positivo. No acumulado de 2015, as exportações dos sete primeiros meses estão 3% menores do que as dos sete primeiros meses de 2014. Isto indica, novamente, a manutenção do *status quo* do segmento. (Quadro 5).

Em julho de 2015, as exportações caíram 7% em relação a julho de 2014. Em relação ao mês anterior, junho de 2015, estas aumentaram 9%. É provável que esse aumento se deva à forte desvalorização do real frente ao dólar nesse mês.

Quadro 5 – Exportações e importações totais de móveis de janeiro a julho de 2014 e 2015 e acumulado dos últimos 12 meses (US\$1.000 FOB)

Meses	Exportações Totais		Varição	Importações Totais		Varição
	2014	2015	2015/2014	2014	2015	2015/2014
Jan.	28.754	25.064	-13%	1.796	1.994	11%
Fev.	35.036	30.901	-12%	1.880	1.497	-20%
Mar.	38.596	43.464	12%	1.547	2.355	52%
Abri.	35.959	35.287	-2,%	2.406	2.142	-11%
Mai.	39.338	37.223	-1%	1.718	1.399	-19%
Jun.	33.122	33.383/	1%	1.891	1.625	-14%
Jul.	39.492	36.516/	-7%	2.166	2.413	11%
Acumula do Últimos 12 meses	443.878	449.258	1%	23.740	23.493	1%
Acumula do ano de 2015	250.299	241.841	-3%	13.407	13.428	0%

Fonte: MDCI (2015), elaborado pelos autores.

O acumulado das importações dos últimos 12 meses (ago.2014 a jul.2015) é 1% maior do que o acumulado dos últimos 12 meses anteriores (ago.2013 a jul.2014), ou seja, US\$24 milhões, aproximadamente. As importações acumuladas nos sete primeiros meses do ano de 2015 somaram US\$13 milhões, aproximadamente, e são praticamente iguais às acumuladas no mesmo período do ano de 2014. As importações se mantêm, mesmo encarecidas por um câmbio altamente desfavorável.

Em relação a julho de 2014, as importações de julho de 2015 apresentaram uma queda de 11%. Já com relação ao mês imediatamente anterior, ou seja, junho de 2015, essas tiveram um aumento de 48%. A especificidade e, ou, qualidade desses móveis importados devem explicar parte desse aumento na importação num cenário totalmente desfavorável à essa operação.

Segundo o presidente da Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (MOVERGS), Ivo Cansan, 2015 está sendo um ano atípico quando mesmo com a valorização do câmbio, o setor não consegue ser competitivo perante os produtores mundiais: "Sabemos que nossos custos internos tiveram aumentos

exagerados e isso anulou parte do ganho com a alta do câmbio. Também podemos elencar outros fatores que impactaram os preços finais dos móveis brasileiros, como os altos custos logísticos e portuários”, comenta. Ainda segundo Cansan, outro agravante é a grave oscilação econômica e a política interna, que prejudica a confiança dos importadores: “Quando isso ocorre com um país, os importadores ficam em alerta, pois necessitam de operações a longo prazo e confiança nas transações. Porém, temos certeza que no momento que passar essa turbulência, o mercado importador vai melhorar e poderemos recuperar o espaço e tempo perdido”, afirma.

Segmento de Carvão para Siderurgia

A crise vivenciada pelo setor siderúrgico nos últimos anos, principal demandador de carvão vegetal, tem ficado mais evidente nos últimos meses: redução de demanda por carvão vegetal e baixos preços de mercado. No Vale do Jequitinhonha, por exemplo, onde houve queda no consumo entre 50% e 70%, as empresas que investem em plantios de eucalipto e produção de carvão estão buscando novas alternativas para o uso da madeira.

A falta de recursos para investimento na atividade por parte do governo piora esse cenário. A linha de crédito do BNDES, Fundo Clima, que tem por objetivo apoiar investimentos voltados para a melhoria da eficiência e sustentabilidade da produção de carvão vegetal, está temporariamente inativa. Em nota no seu site oficial, o BNDES informa que não enquadrará novos pedidos de financiamento com recursos do Programa Fundo Clima, exceto para projetos de energia solar que obtiveram êxito no Leilão de Energia de Reserva de 31 de outubro de 2014 (LER/2014). A suspensão deve-se ao comprometimento do orçamento de R\$560 milhões com a carteira atual e com os projetos de energia solar oriundos do LER/2014.

A confirmação desse cenário pode ser observada nos preços do carvão vegetal no mercado mineiro. Segundo informações da AMS - Associação Mineira de Silvicultura, no comparativo de junho a julho deste ano, o carvão apresentou queda de 8,6%, no valor da tonelada comercializada em Sete Lagoas (de R\$525 para R\$480). A região do Norte de Minas apresentou queda de R\$515 para R\$505 (-1,9%) e na região da Grande BH, a queda foi de R\$485 para R\$478 (-1,4%). As regiões de Divinópolis e o Estado do Espírito Santo não apresentaram variação no seu preço médio, comparado ao mês anterior (junho de 2015), sendo comercializado em julho a R\$520/t e R\$480/t, respectivamente. Por sua vez, a média do preço da tonelada comercializado no Estado

de Minas Gerais em julho foi de R\$496, valor 2,7% inferior à média registrada no mês anterior.

Segundo informações do Instituto Aço Brasil, as vendas de produtos siderúrgicos ao mercado brasileiro, em julho de 2015, apresentaram queda de 22% em relação a julho de 2014, atingindo 1,4 milhão de toneladas. As vendas acumuladas em 2015, de 11 milhões de toneladas, apresentaram redução de 14,3% com relação ao mesmo período do ano anterior.

Em relação ao consumo aparente nacional, o resultado de julho de 2015 foi de 1,7 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos, totalizando 13,4 milhões de toneladas no período de janeiro a julho deste ano. Esses volumes representaram queda de 24,4% e 12,4%, respectivamente, em relação aos mesmos períodos do ano anterior.

No que se refere às importações, registrou-se, em julho, o volume de 270 mil toneladas (US\$283 milhões) totalizando 2,3 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos importados no acumulado do ano, queda de 2,2% em relação ao mesmo período de 2014.

Apesar das condições adversas do mercado internacional, as exportações de produtos siderúrgicos em julho atingiram 1,5 milhão de toneladas, no valor de US\$652 milhões, devido, principalmente, às operações "inter companies" de fornecimento de semiacabados para alimentar plantas na Europa e nos EUA, e, também, devido a ações emergenciais do setor para evitar redução ainda maior do grau de utilização da capacidade instalada. Com esse resultado, as exportações até julho de 2015 totalizaram 7,2 milhões de toneladas e US\$3,9 bilhões, crescimento de 49,2% em volume e de 10,3% em valor, quando comparados ao mesmo período do ano anterior. O mercado externo continua a sustentar as esperanças de melhorias no setor siderúrgico nacional.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Lyvia Julienne Sousa Rêgo – Eng. Florestal M.Sc. em Ciência Florestal

*** Permitida a reprodução desde que citada a fonte.**